

Apresentação

Shirley Donizete Prado
Ligia Amparo-Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PRADO, S.D., and AMPARO-SANTOS, L. Apresentação. In: BOSI, M.L.M., PRADO, S.D., And AMPARO-SANTOS, A., comps. *Cidade, corpo e alimentação: aproximações interdisciplinares* [online]. Salvador: EDUFBA, 2019, pp. 9-19. ISBN: 978-65-5630-010-8. <https://doi.org/10.7476/9786556300108.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

Cidade-alimentação aproximações interdisciplinares

SHIRLEY DONIZETE PRADO E LIGIA AMPARO-SANTOS



A presente coletânea resulta de parceria entre o Laboratório de Avaliação e Pesquisa Qualitativa em Saúde (LAPQS) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC), o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (Nepac) da Escola da Nutrição da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação (Nectar). Corresponde à segunda iniciativa da Rede Ibero-americana de Pesquisa Qualitativa em Alimentação e Sociedade (Rede Naus)¹ em matéria de publicações, que, assim, se consolida como uma via por onde fluem conhecimentos, construindo

1 A primeira coletânea publicada pela Rede Naus intitulada *Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede*. Disponível em: <http://books.scielo.org/search/?lang=pt&index=tw&where=BOOK&q=shirley&filter%5Bpublisher%5D%5B%5D=EDUERJ>.

cooperação acadêmica e firmando a liberdade para criação humana como referência central. Materializamos, por esse caminho, o compartilhamento de uma visão crítica em relação à ciência e ao fazer científico, tomando a pesquisa qualitativa como práxis na formação de pesquisadores, na produção de saberes e, também, como movimento que opera no sentido da construção de uma ciência comprometida com valores éticos e justiça social. Nesse trilhar, confiamos no fortalecimento da pesquisa qualitativa e na internacionalização desse conhecimento, ainda que mantida a percepção de um cenário complexo em suas possibilidades e adversidades quando se parte do campo da alimentação e nutrição em busca de diálogos com as Humanidades.

Desta feita, a presente obra reúne escritos sobre corpo e alimentação que, por caminhos diversos, estão considerando a cidade como categoria relevante para o desenvolvimento de análises em face de diversas questões, entre as quais as que estão aqui abordadas. Ao convidar os autores a trazer à tona o tema das cidades nos estudos do campo da alimentação, cultura e sociedades, nosso objetivo foi tomar essa categoria como ponto de partida para pensar em uma nova possibilidade de abordagem teórico-metodológica nesta teia de saberes.

Tal movimento nasceu de uma perspectiva inicial que dizia respeito a estudos sobre alimentação e nutrição na contemporaneidade, percebendo-os orientados pelas transformações sociais ocorridas no interior de intenso processo de urbanização e industrialização ao longo do século XX e das primeiras décadas do século XXI. Considerávamos que a cidade estaria pouco abordada no campo como problema a ser tomado para discussão quando se busca tratar de alimentação, corpo e subjetividades.

Para melhor ilustrar essas percepções originais, tomamos como base alguns elementos presentes em estudos publicados na *Revista de Nutrição*, único periódico científico brasileiro inserido nas bases de indexação internacionais consideradas prestigiosas no âmbito das principais agências de pesquisas – como as que compõem a Clarivate Analytics – estritamente destinado à divulgação de trabalhos do campo alimentar-nutricional. A *Revista de Nutrição* foi admitida na coleção da Scientific

Electronic Library Online (SciELO) em 1997, quando levou aos leitores um número com cerca de seis textos. Chega a 2018, divulgando quatro números por ano com cerca de dez artigos em cada um desses fascículos. Seu tom hegemonicamente biomédico pode ser considerado bastante representativo do campo brasileiro da nutrição, no qual vicejam estudos de cunho clínico e epidemiológico acompanhados de abordagens normativas em suas tendências a homogeneizar a vida humana idealizadamente apartada de doenças, agravos à saúde e sofrimentos em geral. Adensam-se aqui as expressões dos estudos quantitativos que abrem fenômenos sociais em variáveis de risco e fatores determinantes de desfechos nutricionais.

Antes, porém, de apresentar esses achados, uma importante ressalva precisa ser feita. É necessário registrar que, na *Revista de Nutrição*, tem havido lugar para publicação de estudos socioculturais e de caráter humanístico, mesmo que poucos. Nessa perspectiva, também é preciso falar da existência de publicações em outras revistas que estão situadas ou que guardam afinidades com os campos da Comunicação, Antropologia, Sociologia, Filosofia, Psicologia, enfim, aqueles que se dedicam à compreensão das relações humanas para além dos modelos biomédicos de pesquisa – aí também há artigos que se voltam para a alimentação e para o corpo. O mesmo vale para livros e capítulos de livros que tratam da comida como alimentos simbolizado e do corpo socialmente construído. Não há, contudo, bases de dados que permitam chegar, hoje, a esses trabalhos em sua totalidade. Há, isto sim, alguns estudos que buscaram analisar esse conjunto e, tal como Ana Maria Canesqui (1988, p. 215), indicam que:

As contribuições antropológicas analisadas deixaram um alerta aos estudiosos do campo da nutrição quanto aos limites e inadequações das abordagens que circunscrevem a cultura aos tabus e crenças alimentares, conforme criticamos no decorrer do texto. Resta ainda um elenco de estudos nesta área que não pode prescindir do conhecimento antropológico, sempre que se tenha em jogo ultrapassar a dimensão estritamente biológica da questão nutricional e alimentar.

Klotz-Silva e colaboradores (2010, p. 413), revisitando esses estudos, consideram que esse lugar marcado pela visão biomédica ainda “se ressent e demanda um domínio mais sólido de conceitos e métodos capazes de enfrentar a complexidade da realidade e dos problemas além das bancadas dos laboratórios, na vida em sociedade”. Reiterando essas percepções, Francisco Vasconcelos analisa teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* inseridos na área de avaliação “Nutrição” na Coordenação Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no Brasil e identifica a:

[...] hegemonia [...] das tendências filosóficas ligadas ao Positivismo e às Ciências Biológicas, atraindo o interesse de 92,5% dos pesquisadores. As abordagens qualitativas e mistas contribuíram com apenas 7,3% dos estudos, expressando a influência das Ciências Sociais e Humanas e das correntes filosóficas (dialética e fenomenologia) sobre um grupo restrito de pesquisadores [...]. A distribuição das dissertações e teses [...] reafirma a complexidade, amplitude e heterogeneidade metodológica e epistemológica da conformação do campo de produção de conhecimento em Alimentação e Nutrição, exigindo a construção coletiva de projetos políticos que busquem a interdisciplinaridade dos diferentes núcleos [de saberes] que estruturam o campo. (VASCONCELOS, 2015a, p. 5)

Em outras palavras, há um conjunto minoritário de estudos que tematizam corpo e alimentação oriundos do campo da alimentação e nutrição. Entre esses, identificam-se aqueles sólidos e conceitualmente bem conduzidos em meio a outras abordagens que ainda carecem de ancoragem em autores, teorias e perspectivas analíticas próprias das Humanidades.

Feita a ressalva, retomemos a *Revista de Nutrição*. Procedendo como quem parte para uma mirada ampla, uma rápida aproximação ao conjunto de artigos publicados nesse periódico desde 1997 foi realizada. Efetuamos diversas buscas a partir de palavras, como: “urbano”, “urbana”, “urbanidade”, “urbanização”, “rural”, “ruralidade”. Recuperamos 42 artigos no período em que o periódico se encontra indexado nessa base. Os sentidos implicados nesse conjunto de expressões trazem a marca da palavra dicionarizada: delimitação geográfica, física. O dizer cotidiano

que identifica o senso comum está presente nas ideias de “área rural” e “área urbana”, “zona rural” e “zona urbana”; em trechos que mencionam “domicílios distribuídos em localidades urbanas e rurais de determinados municípios” ou “a área mais pobre do município no perímetro urbano e na zona rural” ou “agricultura familiar rural” ou ainda como aspectos de ordenamento metodológico para trabalhos de campo, como no estabelecimento de “[xx domicílios] no extrato urbano e [xx] no extrato rural”. A visão estanque de um mapa físico no qual se recorta localidades distintas, separadas por linhas que delimitam conjuntos de indivíduos objetivamente fixados, predomina nos desenhos metodológicos e nas discussões decorrentes dessas concepções. Em raros casos, uma noção de movimento é mencionada como “transição de um cenário rural para o urbano”, o que mais se assemelha ao deslocamento de indivíduos desprovido, contudo, de problematização ou análise da ordem simbólica, das experiências humanas, dos afetos, dos valores éticos e morais, das relações de poder que atravessam os fenômenos em exame.

Região como recorte geográfico institucionalizado foi o que encontramos em 90 artigos que mencionavam a “Região Nordeste do Brasil”, a “Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a “Região Oeste da cidade de São Paulo” ou uma determinada “Região do Estado de Santa Catarina”, entre outras variações cruas das divisões políticas formais do país.

Similarmente, encontra-se o local presente em 44 artigos quando são mencionados o “planejamento intersetorial em nível local”, a “biodiversidade local”, “o refeitório [como] local de consumo”, a “equipe local”, o “local institucionalmente reconhecido da pesquisa científica”, o “local de trabalho”, a “realidade local” ou o “local de aquisição de frutas”. Como uma versão em tamanho menor da área urbana ou da região, a ideia de local segue na mesma esteira da concretude dos mapas, das linhas formais de demarcação. Cartografia não encontra expressão nesses trabalhos, sequer como materialização gráfica da superfície terrestre, o que, em ideia, equivaleria ao local representado ou a um mapeamento, esta sim palavra encontrada em nossos exercícios exploratórios guardando os significados já registrados.

“Ambiente” corresponde a outro vocábulo que se manifesta em 49 trabalhos publicados na *Revista de Nutrição* falando também da situação geográfica de cunho espacial onde se dá, por exemplo, a compra de alimentos. Pode ser uma escola e seu entorno, uma universidade, uma empresa onde se trabalha, um bairro, uma parcela de algum município ou ele todo. De qualquer modo, alinha-se a ideia de ambiente às concepções relativas a urbano, rural, regional, local que seguem, assim, compondo a produção científica no campo da alimentação e nutrição, seja como elemento operacional de pesquisa, seja como componente de gestão de programas ou ações em saúde, educação ou assistência social, por exemplo.

Encontramos o território e a territorialidade mencionados em não mais que cinco artigos. Alguns referem-se meramente ao “território nacional”. Buscando certa diferenciação e como quem quer escapar a esse padrão anteriormente sugerido, as palavras deixam entrever a tentativa de enunciação de um novo discurso dirigido à gestão de planos governamentais. Trata-se da formulação de atividades ditas participativas que venham a articular equipes técnicas e populações de “territórios” nitidamente delimitados em face das diretrizes formuladas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro, quais sejam: integralidade, “territorialidade”, educação popular e participação social, interdisciplinaridade, intersetorialidade, educação permanente em saúde. Em sua maioria são, contudo, frágeis na apresentação dos fundamentos teóricos que possam estar sustentado a proposição. Milton Santos, para citar um estudioso do tema, é autor que aparece pontualmente nessas abordagens; doravante e quiçá, em eventual apropriação pelo campo da alimentação e nutrição. Nenhum outro se fixa com destaque ou recorrência nesse espaço de publicações.

Interessante e mesmo curioso é notar o que marca o lugar. Este que, de imediato, nos conduz a um local, em nossos levantamentos, aparece em quatro artigos. Algumas vezes como expressão de um posicionamento social, de um modo de se colocar diante de certos fenômenos em sociedade, quando se volta para os “discursos acerca do lugar do nutricionista [nos serviços de saúde]” ou para a ocupação “de lugares chave

na necessária reinvenção de si mesmos de suas relações com a comida” ou da cura que exige do sujeito a assunção de “um lugar ativo” na vida. Largas e fortes em seus fundamentos analíticos, essas discussões estabelecem intensa articulação entre distintos campos da ciência, percorrendo autores e teorias com a propriedade necessária, ainda que não tenham vínculo algum com delimitações de ordem geográfico-espacial. Para não deixar de mencionar a polissemia que nos envolve, a palavra “lugar” aparece ainda para designar trocas de posições em meio a fenômenos socioculturais quando, ao tratar da perspectiva da modernidade alimentar, encontramos que “o lanche está tomando o lugar do jantar”.

Por fim, quanto à “cidade”, essa palavra aparece em 74 artigos servindo para anteceder um nome como “cidade do Rio de Janeiro”, “de São Paulo”, “de Belo Horizonte” e assim por diante, informando sobre algum elemento que possibilite a identificação de onde foi feita uma coleta de dados ou uma intervenção ou algo desse naipe.

Termos como “espaço urbano”, “ambiente alimentar”, “territórios” e “regiões” marcam presença nesses esforços em acepção de caráter dicionarizado aludindo a algo próximo de “Grande aglomeração de pessoas em uma área geográfica circunscrita, com inúmeras edificações, que desenvolve atividades sociais, econômicas, industriais, comerciais, culturais, administrativas etc” (CIDADE, 2018) ou, em perspectiva mais afeita à biomedicina, correspondendo a dimensões, predominantemente tratadas como um espaço geográfico físico delimitado no qual eventos dissecados em variáveis correspondentes são considerados em relações de associação ou de determinação para específicos desfechos previamente delineados.

Reafirma-se, assim, a predominância das perspectivas anteriormente mencionadas relativamente ao tom positivista dos estudos aqui em exame, bem como a necessidade de investimentos em esforços que possam contribuir para o alargamento dos olhares quando procuram situar os fenômenos estudados no contexto sociocultural e que, para tanto, recorrem a ideias do venha a ser o urbano, o rural, a região... Ou as cidades. No âmbito das Ciências Humanas e Sociais, essas categorias encontram-se bastante presentes, ancoradas em uma vasta pluralidade

de visões de mundo, fundamentos teóricos e epistemologias, abrindo, assim, caminhos para possibilidades interpretativas ricas e diversas acerca do corpo e da alimentação. Destacam-se as perspectivas analíticas que partem da categoria “cidade”, para além da sua expressão física, como expressão e movimento da vida em sua complexidade e magnitude e cuja análise demanda diálogos entre distintos campos da ciência.

De origem latina, como *civitate*, a palavra guarda noção que se aproxima de *civitas*, dando chão para a perspectiva da civilização. Como processo civilizatório, discutido por Norbert Elias (1993), a cidade poderia, como expressão de ponta dos ordenamentos sociais mais recentes, nos remeter à imagem ocidental de apreço pela superioridade que lhe confere o conhecimento tecnológico que construiu e do qual dispõe, bem como pelo quanto pesa o controle cada vez maior das emoções. Estar na cidade, viver nela, desejá-la pode significar a distinção conferida pelos edifícios espelhados e metálicos, transportes de alta performance, desenvolvimento de equipamentos científicos de ponta, modas e valores de última geração. Tudo isso a exigir, ao mesmo tempo, novos comportamentos a serem aprendidos no caminho da busca pela distinção na vida marcada por desigualdades mais e mais intensas, da busca permanente pelo prazer e pela felicidade cada vez mais individualizada no mundo do consumo que se expressa, principalmente, nas cidades onde segue a passos largos transformação das pessoas em mercadorias, como nos diz Zygmunt Bauman (2008).

Duch (2015) destaca o quanto os estudos sobre a cidade têm se multiplicado nas primeiras décadas do século XXI, frente às intensas mudanças experimentadas no âmbito urbano e no conjunto da vida pública, parecendo-lhe sensato pensar que a questão urbana ocupa hoje o lugar que a questão social ocupara nos primórdios do século XX. Em um movimento de repensar as cidades, o autor ainda leva em consideração a virada espacial (*spatial turn*) que vem tomando lugar nas últimas cinco décadas, desencadeando uma reflexão crítica sobre o espaço e renovando, por seu turno, os estudos geográficos. Nesta esteira, destaca-se, por exemplo, o novo conceito de espacialidade da geógrafa Doreen Massey (2008), como

possibilidade de repensar a globalização, as cidades e o lugar. Vale ainda ressaltar que tais perspectivas foram mobilizadas e ainda mobilizam novas epistemologias, teorias e métodos para abordar o tema, pautadas na transversalidade de disciplinas que historicamente se voltaram ao tema.

Em meio a tal complexidade, as cidades guardam muito de materialidades e subjetividades: em nada lineares e tensionadas com referências causais cartesianas, trazem marcas que fazem delas ambíguas, paradoxais, contraditórias. Pequenas e pacatas, arrojadas e dinâmicas, imensas a configurar conglomerados que parecem não ter fim, agressivas e violentas, ancoradas nas mais profundas desigualdades, (des)encontrando-se em comunicações virtuais, anunciam, enfim, as pós-metrópoles: CyberCities (VASCONCELOS, 2015b) e narrativas que tratam da desmaterialização do espaço físico e lidam com um tempo não cronológico. Estruturando novas concretudes e subjetividades e sendo por elas estruturada, segue essa pós-cidade ou hipercidade ou cidade líquida transformando imaginários e construindo um mundo a ser conhecido.

Assim, nesta obra, as cidades não são consideradas apenas como um cenário no qual as relações dos sujeitos vivem e dão sequência ao seu cotidiano. Além de berço de experiências para aqueles que a habitam e que por ela transitam, a própria cidade se faz em processos que produzem uma pluralidade de vivências, narrativas, subjetividades, afetividades, memórias e lembranças. Cidades e sujeitos se entrelaçam e, simultaneamente, produzem-se a si mesmos conformando movimentos de pensar, agir e sentir em constante transformação. E é nessa tessitura que seus espaços de poder, do público e do privado, as exclusões e inclusões sociais, dentre inúmeras outras questões, se constituem.

Ainda são poucos pesquisadores do campo da alimentação e nutrição que se propõem a abordar essas temáticas nesta perspectiva, concebendo a cidade como experiências de comensalidades múltiplas, de corpos distintos ou ainda tomando essas práticas alimentares e corporais como produtoras das cidades e essas, de nós mesmos. A consciência em relação a essa lacuna e o reconhecimento de seu potencial analítico levaram à chamada para a produção desta coletânea a partir de um “tom” provocativo,

instigando estudiosos do campo a apresentarem a cidade como mais uma das perspectivas analíticas que permeiam os seus estudos.

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, em sua obra *Mitológicas*, tomou a cozinha e a preparação dos alimentos para pesquisas sobre diversos mitos indígenas. Mais do que isso, argumentou que a comida pode ser considerada na compreensão do que nos faz humanos. Se os mitos são bons para pensar, se a comida é boa para pensar, as cidades também podem ser estratégicas para pensar, tanto em sua concretude quanto nos signos que carrega e transporta nos corpos e nos alimentos enquanto mediadores de relações sociais. A cidade como uma linguagem, como um conjunto complexo de códigos que nos permite compreender as (trans)formações da sociedade à qual pertencemos, que nos constrói e que nos confere sentido, do mesmo modo que nós atribuímos sentido a cidade, como um ato social que incorpora múltiplas dimensões do ser humano.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Vidas para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CANESQUI, A. M. Antropologia e alimentação. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 207-216, 1988.

CIDADE. In: MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [2018]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cidade/>. Acesso em: 1 set. 2018.

DUCH, L. *Antropología de la ciudad*. Barcelona: Herder Editorial, 2015.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

KLOTZ-SILVA, J. *et al.* Alimentação e cultura como campo científico no Brasil. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 413-442, 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
(Mitológicas, v. 1).

MASSEY, D. B.: *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VASCONCELOS, F. A. G. The construction of scientific knowledge in Food and Nutrition: Analysis of dissertations and theses in the Brazilian post-graduation programs in Nutrition. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 5-16, jan./fev. 2015a.

VASCONCELOS, P. A. As metamorfoses do conceito de cidade. *Mercator*, Fortaleza, v. 14, n. 4, p. 17-23, dez. 2015b. Número especial.